

revista da música popular

Diretor - Responsável : LUCIO RANGEL ★ Diretor - Gerente : PÉRSIO DE MORAES

N. 4 - JANEIRO DE 1955 - REVISTA MENSAL

Colaboração de Almirante, Armando Pacheco, Ary Barroso, Cláudio Murilo, Clemente Neto, Fernando Lemos, Fernando Lobo, Flávio Pôrto, Haroldo Barbosa, Hoche Ponte, Jorge Guinle, José Sanz, Jota Efegê, Manuel Bandeira, Mário Cabral, Mariza Lira, Mozart Araujo, Nestor de Holanda, Nestor R. Ortiz Oderigo, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Sérgio Pôrto, Sílvio Túlio Cardoso, Vão Gôgo.

Assinaturas para todo o Brasil :

Cr\$ 80,00 anuais, sob registro.

Publicando em nossa capa a fotografia de Dorival Caymmi, e mais a excelente entrevista concedida a Paulo Mendes Campos, prestamos, no momento do aparecimento do "long-play" de Canções Praieiras, a nossa homenagem ao grande cantor da Bahia, compositor e intérprete dos mais altos e mais puros da nossa música popular. ☆ E Carmen Miranda vai prolongando sua estadia entre nós e, aos poucos, tomando contacto com o grande público que não a esqueceu. Esteve na residência de Ary Barroso, quando o grande compositor fez o lançamento do seu último samba — "Portugal, meu avozinho", com versos de Manuel Bandeira, juntamente com artistas, escritores e jornalistas; já assistiu o "show" do Casablanca e cumprimentou Silvio Caldas, que se exhibe em uma das boates da cidade. Carmen vai rapidamente recuperando a saúde e, esperamos, dentro em breve, estará inteiramente em forma, para contentamento de todos os brasileiros. ☆ Almirante, nosso colaborador, grande cantor, produtor e animador, voltou ao rádio carioca, no programa "Na batida do samba", produzido por Sérgio Pôrto, na Mayrink Veiga. Eis uma notícia das melhores e das mais gratas aos inúmeros admiradores do criador de "Na Pavuna", "O orvalho vem caindo" e de uma centena de grandes sucessos. ☆ Nossos confrades, das seções especializadas, continuam a tecer os mais generosos comentários sobre esta revista, comentários que são para nós o maior estímulo e incentivo para tornar cada vez melhor esta publicação. A todos, a nossa gratidão. ☆ Esta revista contou, desde o seu primeiro número, com a colaboração de diversos anunciantes, que souberam apreciar o nosso esforço, no sentido de oferecer ao público uma publicação especializada que muitos desejavam. No entretanto, e confessamos com tristeza, não tivemos o apoio daqueles que mais de perto são beneficiados com a maior divulgação da nossa música popular — os fabricantes de discos e os comerciantes das casas do ramo. Devemos fazer uma exceção para Continental Discos, que desde o nosso primeiro número nos honrou com a sua confiança, prestigiando nosso esforço, modesto, mas sério.

Redação (provisória): RUA SANTA LUZIA, 732 - Sala 702 - RIO DE JANEIRO - BRASIL



DORIVAL CAYMMI

FALA SOBRE PINTURA, LITERATURA E MÚSICA

Entrevista de PAULO MENDES CAMPOS
Fotos de DARWIN BRANDÃO

P. M. C.

DIZER que Dorival Caymmi é um rapaz simples seria um lugar-comum de reportagem e uma inverdade. Caymmi não é de pôses mas também não é simples. O modo com que fala, sua tortura para exprimir o que pensa, e se definir, suas irritações contra isso ou aquilo, mostram um homem subjetivo, de funcionamento emocional bastante complicado.

Encontramo-nos no bar, e falamos primeiramente sobre pintura. Outras reportagens já disseram alhures que Dorival Caymmi gosta de pintar.

— Comecei a desenhar no colégio, disse-nos êle. Em 1943, frequentei um curso noturno de desenho na Escola de Belas-Artes da Bahia. Só muitos anos mais tarde, comecei a usar o óleo, e a interessar-me realmente pela pintura, comprando livros e albuns. Fui muito combatido, a princípio, pelos meus amigos, principalmente em casa e por Jorge Amado. Achavam que a pintura poderia me desviar da música.

Gosto de conversar sobre pintura onde sou atendido: Pancetti, Portinari, Burle Marx, Di Cavalcanti, Bruno Giorgi, Gobis, Manoel Martins...

— E você já expôs?

— Apenas uma vez, numa exposição coletiva de radialistas-pintores, realizada na ABI, onde apresentei alguns trabalhos. Mas devo confessar, antes de mais nada, de que, de vez em quando, eu destruo quase tudo o que fiz tomado de um invencível desânimo. Já me arrependi muito de ter destruído certos quadros. Meus quadros são dados e furtados, aos amigos e pelos amigos, respectivamente.

— Qual a sua tendência em pintura?

— Bem, eu acompanhei tôda essa querela entre abstracionismo e figurativismo. Mas não cheguei a uma posição definitiva. Sou um lírico em pintura, gosto da harmonia das côres. Por outro lado, não posso me desprender da forma. Meu ideal seria uma pintura que correspondesse em côres às harmonias de uma fuga de Bach.

Você quer saber de uma coisa? A pintura funciona em mim de um modo todo especial. Funciona para mim, isto é, não sou um pintor de domingos, como Churchill ou Eisenhower, mas também não chego a ser cem por cento pintor. Tenho um compromisso com a canção, que é de fato a minha maneira de exprimir. Em geral, com meus quadros satisfaço interiormente certas frustrações musicais.

PREFERE A POESIA AO ROMANCE

Caymmi fala em seguida sobre os pintores de sua preferência: Giotto, Masaccio, Utrillo, Cézanne, Gau-

guin, Tintoretto, Matisse, Guignard, Pancetti, Clóvis Graciano...

E passamos à literatura.

— Leio pouco. Li mais quando era jovem. Do folhetim de aventuras, passei a Victor Hugo. O Colégio Castro Alves me infudiu terror pela poesia por causa dos recitativos. Só muito mais tarde, comecei a ler novamente. Gosto dos romances brasileiros de sentido regionalista: Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos... Gosto também de Érico Veríssimo. Entretanto, me dou melhor com a poesia, que realiza uma síntese mais próxima da expressão musical. Sou admirador de Garcia Lorca, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge Guillén, Pablo Neruda.

INVENTANDO MÚSICA

— Comecei a gostar de música sem saber o que era isso, quando menino. Em certa época, cheguei a detestá-la: aos doze anos, doente de impaludismo, tinha que ouvir o dia inteiro a vitrola de um homem que morava em minha rua. Quando arranjei um violão, fui descobrindo um mundo novo na sonoridade. Como não aprendi música, descobrindo-a por mim mesmo, em companhia de um grande amigo, tive uma vantagem: fui levado por isso mesmo a inventar um pouco de música. Foi o que me fez compositor.

Mais tarde, descobri que a música tem vários sentidos. Ouvindo Bach e Mozart, por exemplo, tive um choque, e percebi que uma certa música pode resistir ao tempo. Descobri também aos poucos, a função exata da canção, pela qual tenho um amor devotado, por ser a crônica de uma época, a linguagem de uma gente.

Caymmi pensa um pouco e diz:

— A canção tem uma influência bonita! O folclore é uma das coisas mais sólidas do canto popular.

MÚSICA ERUDITA E JAZZ

— Não me conformo de não ter tido uma boa educação musical. Creio que não poderia ser um grande músico erudito, mas acho uma coisa formidável um Haendel, um Haydin, um Bach, um Villa-Lobos.

(Continua na pág. seguinte)



CAYMMI EM FRENTE À IGREJA DE SÃO FRANCISCO, EM SALVADOR (Foto DARWIN BRANDÃO)



DORIVAL CAYMMI

(Conclusão)

- E quanto à música popular do Brasil?
- A nossa música popular recebe em cada fase muitas influências exóticas e de um caráter estritamente comercial. Há muitas falsidades, como o baião e a música do morro.
- E é possível fugir ao comercialismo?
- Não há como fugir: toda a nossa indústria musical é dirigida ao fácil, tanto por parte do público como dos editores. Eu, por exemplo, não posso pilotar um movimento de renovação de nossa música, eivada de vícios: sou cantor, apareço em exposições públicas e sou compositor. Tenho de ganhar a vida.
- E você gosta de jazz?
- Muito. Não há nada mais puro e espontâneo em nosso tempo do que o jazz. Amo no jazz a improvisação, o virtuosismo instrumentista e a criação. O jazz é, a meu ver, a expressão musical mais forte do meu tempo.
- Suas predileções?
- Para mim, o maior é Jelly-Roll Morton. Vou até Fats Waller e Louis Armstrong.
- E o be-bop?
- De be-bop não gosto. É uma espécie de "dadaísmo" musical.

"ESTOU DE MAL"

Passamos a extrair de Caymmi a confissão de sua maneira usual de compor:

— A título de publicidade, costumo dizer em entrevistas que componho ao violão. Não é verdade.

Acredito que todo como eu, que não sabe música, compõe imaginando a linha melódica, confrontando semelhanças com outras canções, pesando a força lírica, procurando as palavras. Faço minhas músicas em geral andando na rua, nos lugares em que posso falar sozinho, nos lugares em que haja muita gente e onde eu sinta uma certa indiferença pela minha pessoa.

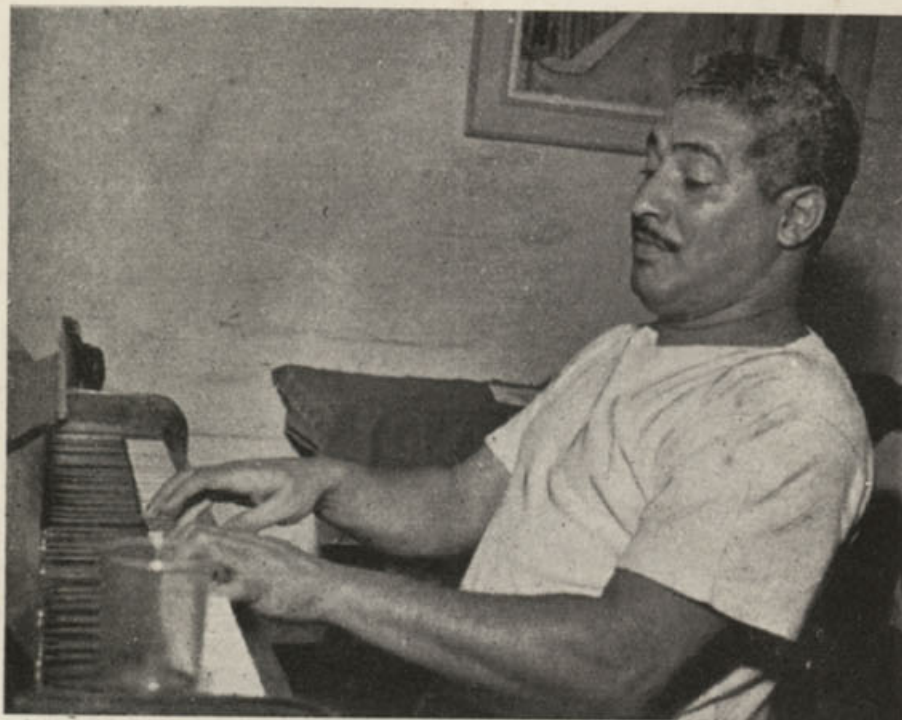
— Não acredito em inspiração. Posso lhe contar como nasceu "Marina": ao sair de casa, meu filho Dorivalzinho me disse de cara zangada: "Estou de mal". Na rua, essa frase ficou martelando minha cabeça: "Estou de mal, estou de mal, estou de mal..." Enquanto ia à rádio, comprava umas coisas, andava nas ruas, a melodia e a letra foram se compondo em minha cabeça. No fim do dia, a música estava pronta.

O RÁDIO RUIM

Dorival Caymmi diz não ter preferências entre suas composições: "Acho que os outros cantores cantam mal a minha música. Isso imediatamente diminuiu o meu entusiasmo por elas". Depois nos diz que ele é um mau artista de rádio: "Sou capaz de cantar direito em um estúdio, mas não tenho jeito para apresentar-me em um auditório; já em uma pequena casa de espetáculos me sinto à vontade. O rádio como é atualmente me desagrada. Devo no entanto muito ao rádio. Sou um produto do tempo em que o rádio cultivava as coisas sérias, do ramo do rádio como entendem Paulo Roberto, Almirante, Silvio Autuori, Fernando Lobo, Antonio Maria e outros poucos".

Caymmi se despede. Está se preparando para uma temporada na nova boate *Meninão*, de São Paulo. A estréia será por esses dias. Os ritmos e as lendas da Bahia estarão presentes na voz desse homem lírico e barroco chamado Dorival Caymmi.

CAYMMI, PIANO E IUSQUE: COMBINAÇÃO IDEAL



DISCOS DO MÊS

Notas de L. R.

SUCESSOS DE CARNAVAL — Um bom panorama do carnaval carioca é agora apresentado pela Continental em LP que reúne 24 peças famosas, que ainda estão na lembrança de todos. Doze sambas (**Praça Onze, Uma promessa, Abre a janela, O orvalho vem caindo, Cai... cai!, Atire a primeira pedra, Não tenho lágrimas, Implorar, Nêga do cabelo duro, Helena... Helena, Ai, que saudades da Amélia e É bom parar**) e doze marchas (**Teu cabelo não nega, Linda morena, Linda lourinha, Jardineira, Ride Palhaço, T'ai, Pierrot apaixonado, Marchinha do grande galo, Pirolito, Aurora, Chiquita Bacana e Touradas em Madrid**). A orquestração de tôdas as músicas foi entregue ao maestro Radamés Gnattali e os diversos números foram cantados por Emilinha Borba, Jorge Goulart e Gilberto Milfont, três dos mais destacados elementos da Continental. O côro da Rádio Nacional do Rio também está presente e os arranjos vocais são bons, se excetuarmos o de **Implorar**, destoando do espírito do grande samba. Enfim, um LP que agradará a todos, pela sua qualidade artística e pelo mundo de saudades que desperta em cada ouvinte. (**Continental LPP-5**).

DORIVAL CAYMMI — CANÇÕES PRAIEIRAS — O ponto alto das gravações nacionais em 33 1/3 rotações. Caymmi, o extraordinário compositor e intérprete está inteiramente sem artifícios nesse disco que reúne **A lenda do Abaeté, O bem do mar, Saudades de Itapoan, O mar, É doce morrer no mar, Quem vem p'ra beira do mar, Pescaria e A jangada voltou só**. Dificilmente encontraremos, no mundo inteiro, tal reunião de compositor e intérprete. Caymmi realiza o milagre, deixando o ouvinte sem saber qual o maior. E quando êle próprio se acompanha ao violão, como em tôdas as faixas dêsse LP, o resultado é perfeito. (**Odeon LDS 3004**).

SILVIO CALDAS — P'ra casa eu não vou, Perdôa Senhor — O grande cantor de tantos sucessos em dois verdadeiros sambas, feitos à velha maneira, que é ainda a melhor. Sambas desprezenciosos, mas autênticos e de verdadeiro sabor popular. O primeiro é de autoria de Nelson Souto, Antônio Carlos Souza e Silva, o segundo, que é o melhor, é do próprio Silvio, letra e música, que o compôs já há algum tempo, mas que só agora o registrou em disco. Os acompanhamentos, muito bons, embora a etiqueta não mencione o nome da orquestra. É, a nosso ver, o melhor disco de Silvio Caldas na Colúmbia. (**Colúmbia-10112**).

MOREIRA DA SILVA — Portuguesa da minha rua, Aluga-se uma casa — Outro veterano sempre em forma. Moreira da Silva, que principiou sua carreira artística interpretando sambas-litúrgicos, como o **Vejo lágrimas, Implorar, Do amor ao ódio**, etc., passou-se definitivamente para o samba de breque. Insuperável no gênero, faz mal em abandonar a outra modalidade a que, anteriormente, se dedicara. **Aluga-se uma casa**, samba de Nilo Vianna e Príncipe Veludo, tem boa letra, fo-

PARSON, CROSLAND & CIA. LTDA.

Departamento de Seguros

AGENTES DA THE NORTHERN ASSURANCE
COMPANY LIMITED, COMPANHIA NORDES-
TE DE SEGUROS e OCEÂNICA — CIA
BRASILEIRA DE SEGUROS

★

Fogo, Lucros Cessantes, Transporte, Acidentes
Pessoais, Automóveis, Responsabilidade
Civil, etc.

★

Av. GRAÇA ARANHA, 416 - 1º and.

Telefones: 22-5155 e 22-5154

calizando a falta de moradia no Rio, mas a música é fraca. Já **Portuguêsa da minha rua** é excelente, cheio de malícia e invenção. O trecho em que Moreira canta o fado **Santa Cruz**, é delicioso, embora se sinta a falta de uma boa guitarra, que daria mais «môlho» ao fado. De autoria de Alipio Rangel, Mutt e Ribeiro Cunha, fala de Portugal antes de Manuel Bandeira e Ary Barroso. (Continental — 17056).

ATAULFO ALVES — Rabo de saia, Zé da Zilda — Com suas pastoras e com acompanhamento de orquestra, Ataulfo apresenta o seu disco para o carnaval. O primeiro, de sua autoria com parceria de Jorge de Castro, não apresenta novidade, sendo o tema da letra quase uma repetição do **Vestiu saia, tá p'ra mim**, que o próprio Ataulfo gravou há alguns anos. **Zé da Zilda**, feito sem parceiros, é a homenagem do sambista a seu colega Zé-com-fome, ou José Gonçalves, ou Zé da Zilda, recentemente falecido. É um bom samba, mas que não atinge o nível elevado de **Amélia**, de **Atire a primeira pedra** e outras obras-primas

CATÁLOGOS ANTIGOS

da
ODEON
VICTOR
BRUNSWICK
COLUMBIA
PARLOPHON

COMPRAMOS E PAGAMOS BEM
 Procurar os Diretores desta Revista
 TRAV. DO OUVIDOR, 27 - 1º AND.

DORIVAL CAYMMI

Dorival Caymmi nasceu a 26 de abril de 1902, na cidade de Salvador, no Rio de Janeiro, sob o nome de Dorival de Castro. Foi o filho de um músico e compositor, o Sr. João de Castro, e de uma cantora, a Sra. Maria de Castro. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores.



em Salvador, onde viveu até a idade de 12 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores.

COPIA REPRODUZIDA DO ORIGINAL POR SENTINELA DO AUTOR DORIVAL CAYMMI

em Salvador, onde viveu até a idade de 12 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores.

em Salvador, onde viveu até a idade de 12 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores.

em Salvador, onde viveu até a idade de 12 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores.

em Salvador, onde viveu até a idade de 12 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores. Foi o primeiro de uma família de músicos e compositores.

LDS 3004

GRAVAÇÃO LONG PLAYING MICROSULCO — 33 1/3 ROTACIONES POR MINUTO

MAIS ECONOMIA EM TERREO DE TERREO PARA PERFEITA REPRODUÇÃO

Odeon
 FLEXIVEL
 INDUSTRIA BRASILEIRA

INDUSTRIAS METÁLICAS E MUSICAIS FÁBRICA ODEON S. A. - R. DO RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE

do compositor. As pastoras sempre excelentes. (**Todamérica 5.504**).

ALVARENGA E RANCHINHO II — Greve da alegria, Marcha da saúva — O primeiro, um samba de três bons compositores, Arlindo Marques Jr., Roberto Roberti e Wilson Batista, tem algum interesse. Da marcha, os autores são os mesmos, menos Wilson, que caiu fora. Na verdade poucas vezes ouvimos coisa tão tola e desprovida de qualquer qualidade. Ainda tem para agravá-la a interpretação de Alvarenga e Ranchinho II, que deveriam seguir o exemplo do Ranchinho I — a aposentadoria. (**Odeon — 13.740**).

TRIO DE OURO — Última homenagem — Herivelto Martins e Black-Out são os autores e o Trio de Ouro está muito bem, como sempre. O samba é comum e ainda explora o tema do presidente que morreu e a escola sai «para homenagear sua excelência», etc. Herivelto já fez coisa bem melhor. (**Victor 80-1406**).

VIRGINIA LANE — Marcha da pipoca, Marcha do fiu-fiu — Uma senhora que jamais foi cantora, mas que aparece em todo carnaval, às vezes com certo sucesso. A **Marcha da pipoca** é de mau-gosto, com sentido dúbio presutando-se a outras interpretações. A do **fiu-fiu** tem as mesmas características. Um disco que não recomendamos (**Todamérica 5.492**).

MÚSICA



UM PASSARINHO CHAMADO SILVIO

TEM música sonora dentro dessa noite de hoje. Esse hoje porém vai ser muito ontem quando esta crônica sair. Ela na rua já estará dando encontro com o Carnaval, Carnaval mole e frio que vem forçado pelo Departamento de Turismo — que anda num balanço mas não cai dos diabos, — nem pela alegria do povo que alegria não guarda no peito. Sei que as outras noites vão ser assim gritadas, vaiadas e, o que é terrível, longe dessa de agora, sonora como escrevi antes. Tudo porque Sílvio Caldas está cantando no “Vogue”, o sereiteiro que nunca foi rei do rádio, nunca foi um dos melhores do ano, nunca foi recordista de vendagem de discos, nunca esteve em primeiro lugar em nenhuma parada, nunca teve um “club” de fã, nunca ouviu gritos nesse tom: “é o maior!” e, tudo isso, dentro da lei que os homens andam

esquecendo, Sílvio Caldas só tem sido o grande cantor brasileiro. Tanto que se a noite é mole de alegrias e a gente sabe que ele está ali, com seu violão, com seus cabelos pintados de brancos — êta caboclinho pra chamar a gente! — corre tudo, há reboição em tôda a alma boêmia e em todo vulto noturno, para um encontro imediato. E Sílvio está nesta noite de agora, nesta do instante desta crônica. Não é folião, não diz carnaval, não fala em passado, não conta vantagens, não diz nem bobagem, não paga pra ver nem ouvir. Quer é rêde, violão, coisa macia e ternura de seus bens que seus “compadres”, seus amores que são as flores. Sílvio está dentro da noite e por isso há mais música dentro dela.

MAS NÃO ESTÁ SÒZINHO...

Um cheiro de sapoti a noite guarda agora. Elisete Cardoso, cantora de quatrocentos anos, está dizendo sambas pela noite a dentro. Ela, que é sem reinado e sem coroa tem muito do caboclinho de quem há pouco falamos. Elisete bela e boa moça pra poema de Manuel Bandeira, moça do sabonete Araxá, moça que não precisa pedir licença a ninguém pra entrar no céu. Tem dois olhos que são dois cantos de mundo — dois pedaços de terra chinesa com uma mistura de coisa do morro da favela. Mas o que é melhor que os olhos é aquele coração que ela tem, que bate em ritmo seguro de samba de classe, de samba de ontem, samba que é samba e que só pode ser feito pelos que se chamam Ari, Ataulfo, Wilson, Caymmi, José ou João. Precisa ter nome pra samba fazer e precisa ser samba pra Elisete cantar. Coração é quem manda nela — um coração bom que ultimamente não tem aparecido na praça. A noite está lá fora, e o rosto de noite que Eli-

DENTRO DA NOITE

Texto e Ilustração de FERNANDO LOBO

sete tem também tem dois olhos que parecem os olhos de um gato, em noite bem negra, mas que não faz medo a gente.

E QUANDO OS DOIS

Sim, e quando os dois de dentro da música da noite se ausentaram, corridos que vão do ruído de Momo, um silêncio há de intercalar a voz muito rouca do folião sem alegria, dessa festa morta, que até dos mortos evocam nos seus cantos sem ritmo. Lá fora se escuta, apenas, a canção de um mundo sem ternura: *"tem nêgo bebo aí, oi, tem nêgo bebo aí..."*

RÁPIDAMENTE

☆ CARMEN MIRANDA girou pelas noites: "Casablanca", "Vogue", "Sacha's", "Copacabana Palace". Em três pulos viu o que era possível ver. E já fala em voltar.

☆ CARLOS MACHADO prepara a sua próxima atração para depois de "Esse Rio Moleque". Trata-se de "Da Viúva Alegre à Dama de Preto". Muita música e roupas maravilhosas de Gisela.

☆ O "DRINK" entra em modificações. Há muito que a "boite" mais boêmia desta cidade merecia êsse presente. E Papai Noel houve por bem dar-lhe as roupas novas que merecia.

NOITES NO «MAXIM'S» — Tem estado animadíssimas as noites no elegante bar de Copacabana, local predileto de jornalistas, compositores, artistas, cantores, gente da noite. A foto que estampamos mostra um aspecto tomado durante a última semana, vendo-se, entre outros, José Conde, Irineu Garcia, Darwin Brandão, Raimundo Nogueira, Paulo Mendes Campos, a cantora Tânia Lopes, o barman Kaiser, José Sanz, Décio Vieira Ottoni, Ary Barroso, Chuca-Chuca, Silvio Caldas, Rubem Braga, Pedro Gomes, Lúcio Rangel e Haroldo Barbosa

